



A PERMANÊNCIA DO PENSAMENTO DE FOUCAULT: Resenha do livro: Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamentos

Alex Domingos¹ & Pedro Medeiros²

O papel da escrita é constituir, com tudo o que a leitura constituiu, um “corpo”. E é preciso compreender esse corpo não como um corpo de doutrina, mas sim – segundo a metáfora da digestão, tão frequente evocada – como o próprio corpo daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida em forças ou em sangue.

FOUCAULT. “A escrita de si. Ditos e escritos”, p, 63.

O livro *Michel Foucault: Entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamentos* organizado pelos professores Edgar César Nolasco e Vânia Guerra é uma compilação de ensaios acerca da vasta obra do filósofo francês Michel Foucault a partir do olhar de vários intelectuais de diversas áreas, como arte, literatura ou filosofia, por exemplo. Desse modo, os professores homenageiam Foucault relendo seus postulados e, conseqüentemente, os revitalizando de acordo com a epistemologia que cada qual se detém.

Michel Foucault: Entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamentos, conta com o prefácio da intelectual brasileira Eneida Maria de Souza. No prefácio, Eneida discorre sobre a importância do pensamento do filósofo francês para a

¹ Licenciado em Filosofia pela UCDB, mestrando em estudos de linguagens, bolsista CAPES e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC).

² Acadêmico do segundo semestre de Letras Habilitação em Português/Inglês pela UFMS, bolsista PIBIC/CNPq e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comprados (NECC).

contemporaneidade, pois, “com ele iniciou-se a abertura dos espaços heterogêneos e heterotópicos, incentivou-se a pesquisa sobre minorias e procedeu-se aos deslocamentos de saberes estereotipados e preconceituosos”.³ Passados 30 anos de sua morte “o legado de sua teoria continua a atuar de forma vigorosa”⁴, visto que a sua crítica ainda permanece atual, neste sentido, “ao se interessar pela abrangência do conhecimento e pela expansão do raciocínio filosófico como estratégia interdisciplinar, a obra de Foucault abarca um número significativo de enfoques que inclui desde a crise do homem e do sujeito à sociedade disciplinar, carcerária, manicomial e institucional”.⁵ Para Eneida, é inegável a permanência do pensamento de Michel Foucault nos mais diversos campos do saber. Segundo a autora, “a leitura e releitura de sua obra por gerações que se sucedem umas às outras comprovam a atualidade e sobrevivência de suas instigantes formulações teóricas, as quais revolucionaram não só o campo filosófico como as demais áreas das ciências humanas”.⁶

Na elaboração deste volume de ensaios dedicados à contribuição do filósofo para as pesquisas das ciências humanas, observa-se que, embora os enfoques disciplinares sejam distintos, prevalece a necessidade de revisar conceitos, ampliar reflexões sobre questões contemporâneas.⁷ Desse modo, o autor de cada artigo contida na obra visa discutir os conceitos fornecendo assim uma perspectiva outra sobre a reflexão proposta por Foucault, pois nas palavras de Eneida:

Não resta dúvida que Foucault é considerado um dos mais prolíferos representantes do pós-estruturalismo francês, pelo incentivo constante que seu pensamento exerce na elucidação do jogo entre saber e poder e de práticas discursivas que concorrem para criar condições históricas de possibilidade e legitimação dos discursos. Entre os temas desenvolvidos pelos autores, a predominância do estatuto do sujeito e da escrita, do lugar problemático do autor enquanto ausente no texto, das escritas de si e de suas implicações na produção de relatos autobiográficos.⁸

³ SOUZA. *Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamento*. p. 11.

⁴ SOUZA. *Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamento*. p. 09.

⁵ SOUZA. *Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamento*. p. 11.

⁶ SOUZA. *Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamento*. p. 09.

⁷ SOUZA. *Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamento*. p. 10.

⁸ SOUZA. *Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamento*. p. 10.

Assim, no prefácio Eneida Maria de Souza nos convida a mergulhar nesta obra que homenageia um dos mais eminentes filósofos que o século 20 nos brindou, visto que ela discute a escrita de si, “a reflexão sobre o sujeito que, sobretudo não pretende se conciliar com uma presença onipotente, mas a necessidade de apontar práticas de autodisciplina e de formação subjetiva”.⁹ “A relação entre o corpo e a sociedade disciplinar deu origem a artigos que contemplam a urgência de denunciar o aparecimento de novos corpos no discurso político-midiático, assim como a subjugação do sujeito indígena representado em obras-artisticas”.¹⁰ Trata também das “leis protetoras dos direitos da mulher, de seu corpo e de seus valores são atualizadas à luz de perspectivas desconstrutoras e inseridas na realidade brasileira”.¹¹ Traz em seu bojo “as escritas das Cartas de imigrantes-alemães do sul do país que revitalizam o legado do filósofo quanto á abrangência de sua inserção no debate atual sobre problemas migratórios, de extrema importância social e política”.¹² Mostra também o “descompasso entre palavras e coisas, a desordem das classificações racionalistas, o apelo à lição da literatura periférica de J. L. Borges e a atenção aos espaços disciplinares como traço de exclusão e marginalidade são fruto do processo de deslocamento da episteme ocidental”.¹³ Neste sentido esta obra celebra o legado inegável do pensador para a “inserção e produção de sujeitos nos discursos, respeitando-se a premissa de serem sujeitos rasurados e incompletos”.¹⁴

Beatriz Maria Eckert-Hoff em seu texto intitulado “Sujeito e escrita de si nos postulados de Michel Foucault: uma análise de cartas de imigrantes-alemães do sul do Brasil”, a pesquisadora pretende percorrer o conjunto de textos foucaultianos, desde “As palavras e as coisas” (1966), indagando quem foi o autor, o que fez o autor, o que do autor é caro para as nossas pesquisas hoje, assim

⁹ SOUZA. *Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamento*. p. 10-11.

¹⁰ SOUZA. *Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamento*. p. 11.

¹¹ SOUZA. *Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamento*. p. 11.

¹² SOUZA. *Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamento*. p. 09.

¹³ SOUZA. *Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamento*. p. 09.

¹⁴ SOUZA. *Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamento*. p. 09.

Hoff é volvida a indagar O que é um autor? Pergunta essa que é contemporânea por excelência.

A autora afirma que a obra *O que é um autor?* de Foucault publicada em 1977 sempre constituiu um pano de fundo de seus estudos focados em questões de sujeito, discurso e escrita de si, tanto nas pesquisas com relatos de *Cartas*, coletadas com sujeitos entre-línguas em contextos de imigração. Eckert-Holff analisa os relatos das *Cartas* – que são tomadas como escritas de si – com o intuito de mostrar como essas revelam um acontecimento, no sentido foucaultiano, tanto para quem escreve como para aquele que lê, uma vez que, utilizando-se das palavras do autor, a carta envia, assim como incide, pela leitura e a releitura, sobre aquele que a recebe, em seu gesto de interpretação:

A obra —O que é um autor? Está compilada por três textos: o primeiro, que repete o título do livro, nos interessa à medida que aborda o papel do sujeito, o do discurso e o da autoria no jogo da escrita, mostrando que —a marca do escritor não é mais do que a singularidade da sua ausência..¹⁵

Neste sentido, é necessário que se entenda o papel do sujeito no jogo da escrita, visto que é justamente na singularidade de sua ausência que se desvela a relevância de lermos nas entrelinhas aquilo que não foi dito pelo autor:

184

O segundo texto, intitulado *A vida dos homens infames*, nos leva a compreender a escrita de si como uma confissão e a tomar o corpus de nosso estudo como escritas de *infames*, já que se tratam —de documentos que datam, todos, mais ou menos da mesma centena de anos [1830-1930] e que provêm da mesma fonte (1977 a, p. 104), no caso do estudo aqui empreendido, as confissões em *Cartas*, escritas por imigrantes alemães do sul do Brasil a seus familiares e amigos que na Alemanha ficaram, datadas do século XIX e início do século XX, as quais foram coletadas em arquivos públicos e privados da Alemanha.¹⁶

Segundo a autora, a análise destas cartas mostra que os dizeres emergem como um ato confessional, no sentido de revelar o que se esconde no e ao próprio sujeito, fazendo emergir, não apenas a voz do sujeito que se presentifica (de forma consciente), mas seus próprios sonhos, desejos, devaneios, recalques, frustrações que encontram lugar para irromperem:

¹⁵ FOUCAULT *apud* ECKERT. Sujeito e escrita de si nos postulados de Michel Foucault, p. 24.

¹⁶ ECKERT. Sujeito e escrita de si nos postulados de Michel Foucault, p. 24.

O terceiro texto, intitulado *A escrita de si*, trata da relação do sujeito com a escrita, mostrando que é no ato de escrever que o sujeito se põe em cena para — mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro (...), para se colocar a si mesmo sob o olhar do outro (FOUCAULT, 1977b, p. 150-7). Neste texto, o autor analisa o ato confessional, não simplesmente como algo que se revela ao outro, mas como aquilo que se esconde ao próprio sujeito e se mostra pelos furos da linguagem.¹⁷

Com base no exposto, Eckert-Hoff alerta que é com esses estudos e outros (Foucault, 1969 e 1988), o autor estabelece a ideia de uma nova escrita de si, descentrada, lugar no qual o sujeito vacila sobre si-mesmo, o que nos leva a entender que traçar a escritura é buscar fios na memória, é rastrear inscrições no corpo a partir da intervenção do outro.

Como citado na epígrafe, Foucault diz que: “o papel da escrita é constituir, com tudo que a leitura constitui, um ‘corpo’. E é preciso compreender esse corpo não como um corpo de doutrina, [...] A escrita transforma a coisa vista ou ouvida ‘em forças e em sangue’”. Neste ponto, a escritora acredita ser imprescindível discorrer, sobre a noção de sujeito e de discurso, já que a escrita transforma a coisa vista ou ouvida em *forças e sangue*, as impressões de sujeito e discurso são fundamentais para a análise empreendida pela autora. Discurso é assim palavra em movimento, o modo de inscrição histórica permite definir o discurso como um espaço de regularidades enunciativas:

Por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde essas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem (FOUCAULT, 1966, p. 12).¹⁸

Logo, Hoff ressalta que o discurso não nasce do sujeito, mas numa relação de sentidos com outros discursos. O sujeito não tem pleno controle sobre o que diz, pois há sempre um espaço (equivoco) entre o que resplandece (o que é dito) e o que se esconde e não se aloja no dizer (intenção de dizer). Disso decorre a interpretação nunca ser definitiva, nunca ser única; há sempre o equívoco: outras possibilidades, outros sentidos a descortinar. Neste sentido, escrever sobre si

¹⁷ ECKERT. Sujeito e escrita de si nos postulados de Michel Foucault, p. 24.

¹⁸ FOUCAULT *apud* Eckert. Sujeito e escrita de si nos postulados de Michel Foucault, p. 26.

nunca é falar de si somente, visto que a constituição de si se dá a partir da recolha do discurso dos outros:

[...] entendemos que a escrita de si é sempre escrita do outro, do outro de si, de si no outro. Escrever, pois, significa se reinventar, criar um outro ficcional como forma de preenchimento dos espaços vazios. É na escrita que o corpo se e (in)screve para se presentificar, o que permite ao sujeito uma experimentação subjetiva. Pelo desejo de pertencimento o corpo irrompe no simbólico, e (in)screvendo-se, assim, no processo de construção e de subjetivação do sujeito.¹⁹

O objetivo de Eckert-Hoff em seu texto como já foi mencionado, constitui-se de recortes de Cartas de sujeitos-imigrantes alemães do sul do Brasil, escritas aos seus familiares da Alemanha, datadas do século XIX e XX (1830 a 1930) – o que significa que essas escrituras estão guardadas por mais de um século e meio de história, vale ressaltar que a autora procedeu sua pesquisa de coleta das Cartas, com “bolsa de pesquisa no exterior”, financiada pela FAPESP, na universidade Christian-Albrechts (CAU), em Kiel, norte da Alemanha, como parte de seu pós-doutoramento realizado na USP, no departamento de letras modernas.

Nos relatos das cartas, Eckert-Hoff segue na esteira de Foucault e compreende a escrita de si como uma armadilha, um lugar onde o sujeito vacila sobre si e é fisgado pela linguagem. Entende que o sujeito-imigrante, no caso desse estudo, se escreve e se inscreve por meio das Cartas, num inconfessável-cofesso, no sentido dado por Foucault:

Para o autor, a confissão incita, suscita, seduz o sujeito à —obrigação de fazer passar pelo fio da linguagem o minúsculo mundo de todos os dias, os pecadilhos, as faltas, mesmo que imperceptíveis, até aos turvos jogos do pensamento, das intenções e dos desejos; ritual de confiança no qual aquele que fala é ao mesmo tempo aquele de quem se fala. (1977, p. 110).²⁰

Sendo assim, é na forma de narrativas auto-biográficas e cartas que essa noção foucaultiana de confissão interessa, sempre considerando as motivações e os efeitos que se diversificam em função das práticas discursivas:

¹⁹ ECKERT. Sujeito e escrita de si nos postulados de Michel Foucault, p. 28.

²⁰ ECKERT. Sujeito e escrita de si nos postulados de Michel Foucault, p. 29.

Torna-se possível, então, fazer funcionar os procedimentos da confissão nas escritas de si, não mais para extrair delas uma prova, mas, sim, um sinal, algo a ser interpretado, já que entendemos que ao escrever o sujeito se inscreve e mais se diz do que diz.²¹

Apresentada estas reflexões para este estudo, recortes de Cartas de sujeitos-imigrantes do sul do Brasil, escritas e enviadas aos seus familiares na Alemanha e que revelam, inevitavelmente, o que se esconde a eles próprios:

Vale lembrar que o início da imigração é marcado pelas primeiras décadas do século XIX, época em que a Europa sofre o êxodo rural e o Brasil, então administrado pelo Império, mostra-se aberto a tal imigração, por entender que a cultura, a educação e a economia eram valores inerentes ao povo alemão. As razões que levaram os alemães a migrarem de seu país rumo ao Brasil, conforme Seyferth (1974, p. 28) foram: a escassez de terras, a fragmentação das propriedades (em Baden), a Anerbenrecht[6] (no Holstein), o excesso de trabalho nas áreas industrializadas e os baixos salários tanto dos operários como dos trabalhadores rurais. Além disso, havia também a propaganda das companhias de colonização e de agentes de emigração, tanto do Brasil como de outros países. Essa propaganda se fazia em torno de concessão de terras do Novo Mundo com a afirmação de que todos seriam proprietários, sem qualquer referência às dificuldades que os futuros colonos teriam que enfrentar.²²

Vejamos agora o que o sujeito-imigrante enuncia através dos relatos encontrados nas Cartas: —*tudo vem através da Europa e que além disso, aqui se vive de forma mais livre, do que lá, e a liberdade todo mundo gosta, até o menor dos pássaros.*²³

Eckert-Hoff observa que o sujeito confessa a sua satisfação, enquanto imigrante, por encontrar-se numa situação melhor que aquela deixada na sua terra. E esse confesso se dá, mais enfaticamente, no sentido de afirmar-se como aquele que fez a escolha certa, uma vez que o seu correspondente é um familiar que ficou e que, de alguma forma, ainda que imaginária, intervém para avaliar, julgar, condenar ou inocentar.

A autora enfatiza que o recorte discursivo “*Aqui se vive de forma mais livre, do que lá, e a liberdade todo mundo gosta, até o menor dos pássaros*”, remete a uma certa culpa em relação ao fato de ter migrado de seu país, em que – o menor

²¹ ECKERT. Sujeito e escrita de si nos postulados de Michel Foucault, p. 30.

²² ECKERT. Sujeito e escrita de si nos postulados de Michel Foucault, p. 31.

²³ ECKERT. Sujeito e escrita de si nos postulados de Michel Foucault, p. 34.

dos pássaros é clamado como forma de inocentá-lo dessa culpa. Observamos que os efeitos de sentido que emergem desse dizer formam um encadeamento na teia discursiva: pecado – culpa – sacrifício – redenção. Observemos outro relato: o sujeito escreve aos seus familiares dizendo que — *pode-se plantar aqui tudo que há nos campos e pomares alemães, que se pode cultivar vegetais e verduras verdes o ano todo e que a mandioca tem um sabor agradável, que é ainda melhor que a batata*. Vale ressaltar, segundo Seyferth (1992), que os imigrantes alemães não somente deixaram seu país de origem como almejavam levá-lo consigo para o Novo Mundo, mantendo o espírito alemão, o *Deutschtum*.²⁴

O olhar para essas *Cartas* revela que o sujeito-imigrante se coloca em cena sob o olhar do outro, de si no outro e do outro de si e encena, ainda que inconscientemente, um lugar para dizer e se dizer, em que, por meio de cortes e enxertos, transforma, deforma, produz, seduz, revelando, inevitavelmente, verdadeiras confissões de si, uma vez que, como nos ensina Foucault (1977b, p. 151), —por meio da missiva, abrimo-nos ao olhar do outro e instalamos o nosso correspondente no lugar do deus interior.²⁵

A escritora evidencia em sua pesquisa que o dizer revela uma confissão que denuncia as frustrações do sujeito-imigrante: de que lá não se sentia um homem livre; seus anseios e desejos de ter liberdade. Isso revela o que se esconde ao próprio sujeito: a constante busca de preencher a falta, o desejo de completude, de inteireza, denunciando desejos adormecidos. O desejo de habitar um país que lhe dê liberdade – até mesmo para continuarem alemães. Através disto, Eckert-Hoff sublinha que:

Esses dizeres, como nos mostra a análise empreendida em nosso estudo, produzem verdadeiras confissões, que nos levam a concluir – coadunando-nos com Foucault – que a narrativa epistolar, no caso, as *Cartas* dos sujeitos-imigrantes, buscam —fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se volve para si próprio quando se aferem as ações cotidianas às regras de uma técnica de vida.²⁶

Neste sentido, a pesquisadora faz compreender que as *Cartas* revelam um falar de si que nunca é de si somente, visto que a constituição de si se dá, inevitavelmente, a partir da recolha dos discursos outros. Não é apenas a voz do sujeito-imigrante que se faz ouvir, mas seus mais profundos desejos, recalques e

²⁴ ECKERT. Sujeito e escrita de si nos postulados de Michel Foucault, p. 35.

²⁵ ECKERT. Sujeito e escrita de si nos postulados de Michel Foucault, p. 36.

²⁶ ECKERT. Sujeito e escrita de si nos postulados de Michel Foucault, p. 36.

divagações que encontram espaço para aflorarem. A escrita a outrem leva o sujeito a um ato confessional, que incita, suscita, produz e permite, ainda que inconscientemente, um passo a mais em direção a um certo saber sobre si mesmo, deslocando, inevitavelmente, as vicissitudes de seus desejos, de suas falhas.

Na sequência, o artigo de Pedro de Souza busca examinar em Michel Foucault, na cena de sua falta, o acontecimento de uma subjetividade em crise. O autor traz algumas passagens de conferências, entrevistas e cursos do filósofo francês. Souza recorta trechos de enunciações faladas e escritas, em que Foucault vê-se conduzido a ocupar-se da crise que subjazem os diferentes espaços discursivos, desde a instituição acadêmica até as governamentais. Segundo Souza:

O objetivo do exercício de análise que proponho é mostrar como Michel Foucault performatiza o trabalho crucial da colocação em crise de uma subjetividade cunhada nas malhas das relações de poder.²⁷

Para o autor, o indicativo mais evidente daquilo que pretende demonstrar se encontra nos momentos iniciais em que Michel Foucault lança suas primeiras palavras de sua aula inaugural publicada sob o título de *A ordem do discurso*:

Gostaria de me insinuar sub-repticiamente no discurso que devo pronunciar hoje, e nos que deverei pronunciar aqui, talvez durante anos. Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo começo possível. Gostaria de perceber que no momento de falar uma voz sem nome me precedia há muito tempo: bastaria, então, que eu encadeasse, prosseguisse a frase, me alojasse, sem ser percebido, em seus interstícios.²⁸

A meta é mostrar como Michel Foucault performatiza o processo de subjetivação que ocorre na colocação em crise de uma subjetividade cunhada no âmbito das relações de poder. Em lugar da segura presença do filósofo dono de suas palavras, nesses primeiros trechos da citação, para Souza aparecem as marcas titubeantes do ato de enunciar em público:

O filósofo faz uso da hesitação que impede o acontecimento do discurso e do sujeito. Em vez de dizer logo a que vem no momento em que toma posse de sua cadeira no Collège de France, o filósofo passa alguns minutos a ostentar para a sua audiência o que,

²⁷ SOUZA. Na palavra de Michel Foucault, a cena da crise do sujeito, p. 39.

²⁸ FOUCAULT *apud* SOUZA. Na palavra de Michel Foucault, a cena da crise do sujeito, p. 40.

a meu ver, seria da ordem da crise tanto do discurso a ser proferido, quanto do sujeito que deve nele ocupar uma posição para falar.²⁹

Michel Foucault enquanto escreve e fala trabalha sobre si, mostrando ao mesmo tempo submissão e resistência aos discursos, que fazer dele um sujeito:

Crise do discurso por este falhar no seu poder de garantir o encadeamento da fala emitida na garganta de quem quer que se apresente em cena. Crise do sujeito pela recusa a falar: “*gostaria de não ter de entrar nesta ordem arriscada de discurso*. Falando desta maneira – toado por uma proposital gagueira -, o filósofo mostra como se pode escapar à ordem do discurso que faz dele um sujeito. Por isso mesmo, não é nada casual que Foucault tenha se deixado invadir pelo clima e ritmo da escrita de *O Inominável*, Samuel Beckett, cujo modo de composição narrativa e dramaturgica, Fábio de Souza Andrade (2001, p. 14), relaciona à crise moderna do sujeito.³⁰

O autor alude à exposição de uma crise que, ao lado, envolve o falante destituído do comando diretivo, tal como o ator abandonado em cena pelo diretor artístico, no momento, enfim, que lança a hipótese que quer desenvolver em sua conferência, o pensador francês parece enfim ocupar o seu lugar de fala, contudo, se situa não dentro, mas ao lado da ordem discursiva. É quando, abandonado a espécie de estado onírico com que abriu sua aula, ele, fazendo semblante de quem desperta de um momento de transe:

Mas o que há assim de tão perigoso no fato de as pessoas falarem, e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?!. Eis a hipótese que gostaria apresentar, esta noite, para fixar o lugar — ou talvez o teatro muito provisório — do trabalho que faço: suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e os perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade.³¹

Souza alerta que mais do que o espaço de onde exerce sua enunciação, a ordem do discurso é aqui apontada por Foucault como objeto a respeito do qual o filósofo quer explicitar e denunciar em seus jogos, sem com isso situar aí o seu lugar de sujeito, pois este é o que ele quer fazer ver colocado em crise:

²⁹ SOUZA. Na palavra de Michel Foucault, a cena da crise do sujeito, p. 40.

³⁰ SOUZA. Na palavra de Michel Foucault, a cena da crise do sujeito, p. 40.

³¹ FOUCAULT *apud* SOUZA. Na palavra de Michel Foucault, a cena da crise do sujeito, p. 41.

Como se apresenta então o sujeito da crise, este que hesita a entrar na ordem arriscada do discurso? Proponho que, no decorrer do proferimento da aula inaugural de Michel Foucault, o sujeito em crise se define e se descreve não por aquilo que é, mas mediante o que faz ao enunciar. É dizer que o sujeito que ali apresenta sua aula, age como que se situando nos bastidores da ordem discursiva, tal como um ator teatral na coxia antes de entrar em cena. Só que, no evento enunciativo em questão, quero aludir ao filósofo enquanto expõe para sua audiência o jogo ao qual o sujeito falante não tem acesso, mas que está sempre lá atuando garantindo-lhe a posição para falar.³²

Foucault no instante em que desenvolve sua aula inaugural evidencia os bastidores revelando a maneira como o próprio orador se constitui na ordem discursiva desvelada em seu processo e princípio de comando. Souza nos lembra que ainda se trata de encenar a crise, contudo, trata-se da crise na experiência de um sujeito que ao apontar para o jogo em que é convocado a falar situa-se na soleira da porta da ordem tornando visíveis os elementos coercitivos de que a mesma ordem se compõe. Este seria o modo de mostrar a coxia do teatro do discurso.

Vale lembrar que “o discurso é uma ordem de verdade que se regulariza mediante a inclusão do acontecimento em uma série e não outra de enunciações. Este efeito de regularidade é que abriga a condição de possibilidade do acontecimento discursivo”.³³ Em verdade, é do espaço exterior à cena da ordem que vem a voz que Foucault reclamara no início de seu proferimento:

E compreendo melhor porque é eu sentia tanta dificuldade em começar, há pouco. Sei bem agora qual era a voz que eu gostaria que me precedesse, me carregasse, me convidasse a falar habitasse meu próprio discurso. Sei o que havia de tão temível em tomar a palavra, pois eu a tomava neste lugar de onde o ouvi, e onde ele não mais está para escutar-me.³⁴

Para Souza, o conteúdo destas palavras é de homenagem, sobretudo, uma dramática do discurso do sujeito enquanto se coloca em crise no deslocamento frente ao lugar que seria a sua origem. Neste momento, o autor retoma ao fio condutor de seu trabalho que visa refletir sobre a crise do sujeito em ato, pois:

³² SOUZA. Na palavra de Michel Foucault, a cena da crise do sujeito, p, 42.

³³ SOUZA. Na palavra de Michel Foucault, a cena da crise do sujeito, p, 44.

³⁴ FOUCAULT *apud* SOUZA. Na palavra de Michel Foucault, a cena da crise do sujeito, p, 45.

Pensemos agora no período em que Foucault escolhe não se alinhar a uma perspectiva fundamentalista do sujeito, mas sim à genealogia das filosofias do sujeito. A opção pelo fazer genealógico visa a focar atitude subjetiva, o que equivale a definir a crise do sujeito, não como vitimação, mas como ato produtor de efeito crítico.³⁵

Trata-se de marcar distância e diferença entre os lugares e fazer ver os pontos em que a subjetividade é o ato de escancaramento dos jogos de produção do sujeito em cena. É sempre para um movimento enunciativo de exposição de si em crise que pretende apontar o autor nesta passagem:

[...] eles foram os primeiros a fazer aparecer a problemática do sujeito como sendo fundamental para a filosofia e para o pensamento moderno. [...] Disso decorre – foi o que Lacan observou – o fato de Sartre nunca ter admitido o inconsciente no sentido freudiano. A ideia de que o sujeito não é a forma fundamental e originária, mas se forma a partir de um certo número de processos, que não são da ordem da subjetividade, e sim de uma ordem evidentemente muito difícil de nomear de fazer aparecer, ordem essa mais fundamental e originária do que o próprio sujeito, essa ideia não havia emergido. O sujeito tem uma gênese, uma formação, uma história. O sujeito não é originário. Ora, quem havia dito isso? Freud, certamente, mais foi preciso Lacan para fazê-lo aparecer claramente, daí a importância de Lacan.³⁶

Mas o que surpreende, nesta conversa com Watanabe, é o fato de Foucault permitir-se alinhar-se às correntes de pensadores nas quais não se engaja, como é o caso do estruturalismo, do existencialismo e da psicanálise.³⁷

192

Desta forma, Souza se pergunta se não estaria o autor de *A história da loucura* expondo-se a atuar contra si mesmo? A esse respeito diz que nada mais oportuno do que analiticamente responder a esta interrogação salientando que não se trata aqui de confessar afinidades antes negadas. É o caso sim de colocar em cena, seja na conferência, seja na entrevista em foco, a maneira com que o pensador coloca em suspenso sua própria subjetividade ostentando que o sujeito não é origem de si mesma:

Foucault expôs a si na cena de seu proferimento, ao mesmo tempo esmiuçando criticamente os limites coercitivos do discurso e ostentando a maneira como deve passar a se ocupar dos limiões de formação e de transgressão nos limiões da ordem discursiva. Assim é que ele mostra a maneira como deve fazer a passagem da

³⁵ SOUZA. Na palavra de Michel Foucault, a cena da crise do sujeito, p. 45-46.

³⁶ FOUCAULT *apud* SOUZA. Na palavra de Michel Foucault, a cena da crise do sujeito, p. 46.

³⁷ SOUZA. Na palavra de Michel Foucault, a cena da crise do sujeito, p. 47.

arqueologia para a genealogia: —A crítica analisa os processos de rarefação, mas também de reagrupamento e de unificação dos discursos; a genealogia estuda sua formação ao mesmo tempo dispersa, descontínua e regular.³⁸

Neste momento, Souza aponta um gesto de colocação de si em cena, não porque o filósofo francês presta conta de seus projetos justificando sua nomeação, mas sim porque, segundo ele, Foucault toma a crítica como a modo de apontar para si agindo entremeio a coerções que excluem os fora da ordem. Trata-se crucialmente de exercer a política da resistência não pela recusa, mas pelo encarar da ação, neste sentido Souza afirma que:

De qualquer modo podemos arriscar a dizer que o que Foucault chama de eu é sempre efeito, não causa de uma ação, esta que se define como alteridade absoluta, nos termos do gesto crítico que não se confunde com as forças que subjagam, mas as coloca em evidência.³⁹

Muito se diz em política sobre a impossibilidade de governar a não ser pela negociação comprometedora. Nada pode o governo que não cede aqui para realizar ali. Tal é a doença da corrupção.⁴⁰

No entanto, mediante o atravessamento do cinismo, Foucault diria que instaurar a crise nesse estado de coisas seria exhibir escandalosamente não os interesses em jogo, mas o próprio jogo. O que vale para a crítica das relações de poder vale para o sujeito posto em crise:

Eis aqui um contundente testemunho de quem se deixou observar atuando a partir da coxia, encenando por suas enunciações o teatro interminável da elaboração da existência. É como se o filósofo não só cometesse o seu dizer, mas representasse a maneira com que seu dizer se efetiva, o que equivale a colocar em cena a maneira como o sujeito se constitui enquanto fala. Não interessa tanto expor a identidade do sujeito em si mesmo, mas o processo que rege a constituição dessa identidade. Isso fica bem mais claro quando mais tarde ele afirma não se interessar pela distinção entre o verdadeiro e o falso, e sim pelo modo com que tal distinção se estabelece.⁴¹

³⁸ FOUCAULT *apud* SOUZA. Na palavra de Michel Foucault, a cena da crise do sujeito, p. 49.

³⁹ SOUZA. Na palavra de Michel Foucault, a cena da crise do sujeito, p.50.

⁴⁰ SOUZA. Na palavra de Michel Foucault, a cena da crise do sujeito, p.50.

⁴¹ FOUCAULT *apud* SOUZA. Na palavra de Michel Foucault, a cena da crise do sujeito, p.51.

O percurso esboçado por Antônio Carlos do Nascimento Osório em “Sujeito: objeto de desejos dos discursos” se apoia em teorias de Michel Foucault acerca da produção de saberes e a permeabilidade entre discurso e poder, a partir das quais Foucault delineia um sujeito que se apossa de um corpo experimentado fisiológica e emocionalmente, na ânsia de sanar os desequilíbrios a que é exposto terminantemente, seja sob condições naturais ou sociais de sobrevivência, uma vez inserido em práticas coletivas como meio de acessar o conhecimento, enquanto princípio de obtenção de poder.

Desse modo, o sujeito tem seu corpo atravessado pelas escolhas culturais e sociais quando busca se apropriar das formas de dominação propiciadas por vias do conhecimento, ainda que isso implique uma constante reinvenção de si, isto é, adequar-se às mudanças que lhe incorrem o saber, a partir dessas escolhas que passam a influenciar não apenas as atitudes que concernem à coletividade, mas, sobretudo, a subjetividade, que até então parecia resguardada e intacta neste corpo agora transpassado pelo que antes era somente externo ao sujeito, já que esse busca efetivar seu discurso no âmbito social. Contudo, para consolidá-lo, o indivíduo deverá experimentar seu corpo no sentido de perceber e sentir os efeitos que seu discurso produz no coletivo e suas múltiplas subjetividades, já que suas reações dependerão do modo como são induzidos, que podem não ser as mesmas esperadas pelo sujeito ao fazer suas escolhas discursivas. Ou seja, alguns aspectos enfatizados por mim, podem não ser tão relevantes para os demais indivíduos, ao passo que, como afirma Osório:

Pressupõe movimentos de entrechoques da existência de cada um com as práticas culturais e sociais, e abertura de outras possibilidades de serem lidas por novas formas, não tão óbvias e de fáceis evidências. Aquilo que vejo e sinto, talvez não seja e nem tem tamanha proporção de como valorizo.⁴²

Assim, o indivíduo se arrisca à elaboração de conhecimentos, tendo como fundamento as reinvenções subjetivas, elaboradas a partir das aceitações ou negações entre as práticas socioculturais, o que se opõe àquilo que, comumente, chamamos agir por “instinto” ou pela “natureza”, visto que o sujeito passa a produzir subjetividade e conhecimento não só pelo que ele acredita ser o melhor para a sua sobrevivência, mas segundo o veredito do social sobre suas ações, se seu discurso lhe confere aptidão para integrar o todo. Logo, para se integrar a um

⁴² OSÓRIO. Sujeito: objeto de desejos dos discursos, p. 54.

determinado grupo, o indivíduo se vê forçado a fazer determinadas escolhas discursivas que lhe garantem a apropriação do discurso coletivo que essas escolhas implicam e que conformam uma regularidade que o caracterizam.

A confirmação de que este sujeito agora passa a integrar esse todo se dará pelas reações manifestadas pelo corpo de cada um dos integrantes na convivência. Sendo assim, partindo da premissa de que há uma constante troca de ações e reações reveladas corporeamente e que cada um está habilitado a percebê-las, criam-se “estratégias de disciplinamento” do próprio corpo de modo a regulamentá-lo, buscando para si estabilidade e normalidade, enquanto tentativa de homogeneização dos indivíduos do grupo, nas relações políticas que se estabelecem nas práticas sociais. Para Foucault, uma vez estando esse corpo disciplinado e integrado, o foco do sujeito será manter-se no nível de normalidade não se assemelhando àqueles que parecem doentes, isto é, conformam um grupo inferior àquele ao qual pretende pertencer:

A divisão constante do normal e do anormal, a que todo indivíduo é submetido, leva até nós, e aplicando-os a objetos totalmente diversos, a marcação binária e o exílio dos leprosos; a existência de todo um conjunto de técnicas e de instituições que assumem como tarefa medir, controlar e corrigir os anormais faz funcionar os dispositivos disciplinares que o medo da peste chamava. Todos os mecanismos de poder que, ainda em nossos dias, são dispostos em torno do anormal, para marcá-lo para modificá-lo, compõem essas duas formas que longinquamente derivam.⁴³

Quer dizer, se num primeiro momento o sujeito conformava seu corpo ao discurso vigente para integrar um todo, agora, ele passa a mobilizar as regularidades propiciadas por esse como certo escudo para se preservar numa salubridade. Há uma organização de forma tal que mobiliza suas atitudes discursivas para ilustrar o quanto se afasta daqueles que parecem doentes e que, por conseguinte, devem ser excluídos e evitados.

Se no século XIX, quando Foucault concluiu que o “homem anormal”, o doente no discurso “regular” das pessoas, eram aqueles que não podiam ser corrigidos ou voltar a ter saúde, uma vez que seu corpo estava acometido biologicamente, e, logo, não poderiam se apropriar das “regularizações”, quem podemos dizer são, hoje, “os monstros humanos”, “os indivíduos incorrigíveis”? Se considerarmos que há uma incessante busca por parte dos membros ditos

⁴³ FOUCAULT *apud* OSÓRIO. Sujeito: objeto de desejos dos discursos, p. 58.

normais em distanciar-se de rótulos que os caracterize ou os compare com um grupo “anormal”, não diferente de outras épocas, podemos afirmar que os leprosos do século XXI são os indivíduos que compõem o grupo LGBT, ao passo que, apesar de uma aceitação social e proteção legal a essas pessoas, ainda há, nos discursos rotineiros, referência a esse universo enquanto sinônimo de inferioridade, como por exemplo, as crianças ainda chamam o coleguinha de “veado” e “boiola” na tentativa de ofendê-lo; também as mulheres ironizam a maquiagem exagerada da amiga dizendo que se parece a uma travesti, entre tantos outros eventos. Por consequência, essas rotulações carregadas de tons e gestos conferem pejo a esse discurso, logo, repulsa a esses grupos por parte de quem é rotulado, corroborando com a afirmação de Osório: “[...] reconhecer não significa aceitar, mas sim abrir um novo espaço da negação da diferença [...]”⁴⁴.

Dito isso, o quadro que se tem é que, se antes os “anormais” sofriam em maior medida na pele, literalmente, as consequências das escolhas feitas do âmagô social pelas práticas sociais e culturais, agora há a percepção, no pensamento de Foucault, de que mesmo a morte, enquanto castigo físico, não era tão eficiente na tortura dos “desviados dos padrões” quanto causar-lhes angústia, medo e insegurança, já que esses sentimentos infringem a subjetividade de cada ser que congrega tais rótulos. Tem-se assim o suplício que, de acordo com o filósofo, passa a ser uma técnica do fazer sofrer não apenas determinados grupos ou classes sociais, mas também aqueles que em seu íntimo sabem que convergem para o que a sociedade caracteriza anômalo. Como melhor exemplifica Osório, é o sujeito que biologicamente é macho e, logo, teve a imposições socioculturais de determinadas cores, brinquedos e atitudes para que se constituísse o ser social homem, mas que não conseguiu aderir a esse papel impregnado no discurso vigente e por isso se sofre o suplício.

Para todos os efeitos, a confirmação de que *o sujeito é*, de fato, *o objeto de desejo dos discursos* se dá pela assertiva de que “O sujeito, em parte, é escravo de um corpo biológico e fruto dos interesses da sociedade, adiando sempre seus interesses e vontades”⁴⁵, isto implica tacitamente dizer que o corpo individual tem sua subjetividade construída de fora para dentro e que, por vias das instituições,

⁴⁴ OSÓRIO. Sujeito: objeto de desejos dos discursos, p. 60.

⁴⁵ OSÓRIO. Sujeito: objeto de desejos dos discursos, p. 65.

aceitamos os discursos em que somos enredados e que podem também nos lançar ao sofrimento.

O artigo de Verlaíne Freitas discute, sobretudo, a influência que as teorias psicanalíticas de Freud exerceram sobre a filosofia de Michel Foucault, principalmente, no que diz respeito às conjecturas acerca da sexualidade, ora dialogando em confluência, ora refutando-as. Para tanto, neste trabalho, Freitas se debruça nessa última relação, já que se volta, em essencial, para a obra *A vontade de saber*, de Foucault, na qual o filósofo se opõe à “hipótese repressiva da sexualidade” da sociedade burguesa do século XVIII, proposição de Freud que afirma que, com a implantação da dinâmica capitalista, que fomentava dedicação total ao trabalho visando ao acúmulo de riquezas, os indivíduos deveriam concentrar ao máximo suas energias na produção, logo, a libido representava desperdício de energia e, portanto, deveria ser reprimida e convertida para a energia produtiva, isto é, para trabalhar.

Para Foucault, no entanto, ainda que houvesse uma sistematização bastante rígida dos discursos opressores sobre a sexualidade do indivíduo, não havia um controle constante de seus impulsos sexuais. Logo, sua oposição se pauta na assertiva de que, muito pelo contrário, as instituições de poder, tal como igrejas, escolas, família, clínicas psiquiátricas, etc. fomentavam, em seus discursos, que o indivíduo evidenciasse sua sexualidade em sua fala, pela qual se acreditava que era possível acessar a subjetividade de cada um e, assim, persuadi-lo à crença de que esses dispositivos hierárquicos permitiam a exacerbação da sexualidade, quando, na verdade “*implantavam* perversões no indivíduo, em claro movimento de fora para dentro [...]”⁴⁶ pelas quais ele próprio se julgava impuro, pecaminoso e obsceno. Por conseguinte, como Freitas melhor esclarece:

Neste processo-dispositivo fundado na conjugação entre as sensações, desejos e prazeres, por um lado, e a verdade íntima confessada a quem detém a autoridade de perdoar, exigir penitência e de demarcar os desvios como patologias, por outro, a sexualidade surge em decorrência da extrema ramificação e alastramento tentacular das relações de poder [...]⁴⁷

⁴⁶ FREITAS. Metacrítica do poder disciplinar. Sexualidade e psicanálise em “A vontade do saber”, de Michel Foucault, p. 77.

⁴⁷ FREITAS. Metacrítica do poder disciplinar. Sexualidade e psicanálise em “A vontade do saber”, de Michel Foucault, p 78. ucault

Todavia, no pensamento foucaultiano, esse “processo-dispositivo” de poder não opera de forma centralizadora ou vertical, mas busca ser horizontal, já que, pretendendo perpetrar em todos os meios sociais, não faz distinção entre burgueses e marginalizados e, se instaura mesmo onde há resistência às instituições, uma vez que, segundo Foucault, a resistência é condição para constituição do poder tanto quanto este é condição para aquela. Assim, se cria um imaginário de que não há distinção entre classes e que todos os sujeitos precisam evidenciar sua sexualidade para poderem ser tratados, perdoados e adequar-se aos critérios que determinavam a normalidade do sujeito e a possibilidade de poder ser integrado a uma classe que podia acessar o poder e, portanto, produzir valores culturais pertinentes a si e à sociedade. Desse modo, Foucault rechaça a ideia de que a classe burguesa tenha se instituído a partir desses dispositivos, visto que o discurso de normalização converge para os ideais dessa.

Contudo, a principal crítica de Foucault às teorias psicanalíticas, ao discorrer acerca de sua *arqueologia da sexualidade*, se deve ao fato de que, para ele, ainda que a psicanálise tenha deixado de considerar a sexualidade uma patologia, assim como as demais instituições essa contribuiu para reforçar o dispositivo de uma dada normalização pelos aparelhos de poder discursivos, pelo fato de que se baseava no método confessional para analisar os sujeitos e os descontextualizavam de sua história no âmbito social, o que para o filósofo francês incorre na generalização em grandes blocos, a partir dos quais se passa a justificar determinados comportamentos opressores pelo instinto natural.

A autora, no entanto, rebate os apontamentos do filósofo, pois, ainda que o método analítico da psicanálise se origine da confissão, aquele não carrega o caráter punitivo e nem pretende exigir que o analisando fale de algo sobre sua sexualidade que lhe cause constrangimento, bem como, reforça a afirmação de Freud de que a confissão em si não constitui senão uma introdução à análise do paciente: “Na confissão o pecador diz o que sabe, na análise, o neurótico deve dizer mais.”⁴⁸ Freitas pontua como Foucault é generalizante em sua crítica, ao considerar o sexo “uma unidade artificial, imaginária e fictícia”⁴⁹, como se a

⁴⁸ FREUD *apud* FREITAS. Metacrítica do poder disciplinar. Sexualidade e psicanálise em “A vontade do saber”, de Michel Foucault, p. 82.

⁴⁹ FREITAS. Metacrítica do poder disciplinar. Sexualidade e psicanálise em “A vontade do saber”, de Michel Foucault, p. 87.

sexualidade do sujeito não interferisse em outros aspectos da vida social, e como ele desconsidera os outros métodos que completam a “confissão” e que de fato revelam o que está para além da fala do indivíduo e, por consequência, lhe causam o *recalcamento* dessa sexualidade reprimida, de acordo viés psicanalítico.

Ainda segundo a pesquisadora, a arqueologia da sexualidade de Foucault é estarrecedora quando afirma que a repressão sexual ocorria na mesma intensidade para todos os indivíduos e que, para se imunizar dos discursos de poder institucionais, bastava que o sujeito se apropriasse, de fato, de seu corpo pelo prazer: “[...] Contra o dispositivo de sexualidade, o ponto de apoio do contra-ataque não deve ser o desejo-sexo, mas os corpos e os prazeres.”⁵⁰ Entretanto, ele não leva em conta que tanto o prazer feminino quanto a homossexualidade, na sociedade europeia do século XIX, deveriam não apenas ser reprimidos, mas negados e ainda mais severamente punidos, não apenas só instituições como também pelos demais sujeitos.

Desse modo, a estudiosa salienta que parece haver um problema, sobretudo, de ordem de tradução, quando Foucault recepciona a teoria psicanalítica e, ademais da *repressão*, conceitos como o de *recalque*, que implica não somente no enfraquecimento ou negação do desejo ou fantasia, mas na busca de sobreposição de forças, logo, o estabelecimento de conflitos e que, a partir desses, cada sujeito busque se estruturar psiquicamente. Por conseguinte, deve se considerar um caráter não mensurável ou comparável da repressão pelo poder sobre os sujeitos, ao passo que “só está em questão o exercício de uma força sobre a outra, e não o quanto ou como elas se influenciam reciprocamente, “dialogam” entre si para entrar em uma espécie de acordo.”⁵¹, logo, a formação da subjetividade de cada um dependerá da reação íntima e inconsciente a esses conflitos que, por extensão, refletirá no que lhe parece externo, no meio social.

Continuando, trazemos o texto “As palavras e os animais”, de Angela Guida. No início do texto a autora afirma que por mais incoerente que possa soar, o seu texto não é um escrito sobre Foucault ou mesmo acerca de sua vasta obra:

⁵⁰ FOUCAULT *apud* FREITAS. Metacrítica do poder disciplinar. Sexualidade e psicanálise em “A vontade do saber”, de Michel Foucault, p. 91.

⁵¹ FREITAS. Metacrítica do poder disciplinar. Sexualidade e psicanálise em “A vontade do saber”, de Michel Foucault, p. 94.

incoerente por se tratar de uma antologia de ensaios que se propõe a dialogar com a produção do filósofo francês. Por isso a autora fornece dois motivos para justificar a suposta “incoerência”. O primeiro deles é que ela não gostaria de lograr o leitor que, pela proposta do livro, vai acreditar, e com certa razão, que estará diante de escritos sobre a obra de Foucault em seus mais variados matizes discursivos; o segundo motivo se dá porque nesse escrito Guida se vale apenas de um prefácio. Refere-se ao prefácio com o qual Foucault abriu *As palavras e as coisas*.

Guida reconhece a potencialidade de discussão que a obra *As palavras e as coisas* permite, porém deixa evidente que seu interesse neste texto é pelo prefácio. A autora explica o porque de seu interesse como Foucault fez “citando” no prefácio os animais da enciclopédia chinesa à qual Borges se refere, a autora desenvolve a ordenação que seguirá seu texto:

- a) filósofo europeu lê escritor latino-americano;
- b) *As palavras e as coisas* nasceram da leitura de um texto de Borges;
- c) Foucault ri diante do texto de Borges;
- d) Foucault sente mal-estar diante do texto de Borges;
- e) Foucault acha o texto de Borges exótico;
- f) Foucault me —apresentou o texto de Borges.⁵²

200

Ao ler o prefácio, Guida percebe como Foucault questiona em *As palavras e as coisas*, o homem e sua invenção, seu fim e, por conseguinte, o humano, logo abre espaço para se pensar a animalidade, que se encontra mais evidente no prefácio por meio do texto de Borges, que faz a classificação —exótica de alguns animais em certa enciclopédia chinesa. Assim, para a autora as palavras sobre o prefácio de *As palavras e as coisas* são palavras da animalidade. Melhor. São —as palavras e os animais. Agora, Guida retoma aquela ordenação que mencionou anteriormente e comenta a alegria de ver nas palavras de Foucault quase que uma confissão quando menciona no prefácio de *As palavras e as coisas* que seu livro havia nascido de um texto de Borges:

Durante muito tempo acreditou-se que pudesse ser uma espécie de —ressentimento por parte dos escritores latino-americanos, mas a verdade é que a queixa deles tinha e penso que, em certa medida, ainda tem fundamento: nós conhecíamos o que se fazia do lado de lá,

⁵² GUIDA. *As palavras e os animais*, p. 101.

mas eles não conheciam o que nós produzíamos do lado de cá. Mais do que isso. Parecia não haver interesse por nossas produções, desinteresse por nossa voz. Digo isso a fim de que o leitor possa ter uma vaga ideia do sentimento de euforia que me invadiu quando no prefácio de uma obra produzida por um dos filósofos mais importantes da contemporaneidade (e europeu!) fazia a clara confissão de que ele havia lido um texto de um escritor latino-americano. Quando li o prefácio pela primeira vez, fui sim tomada por grande alegria, alegria ingênua, quase coisa de criança. Que orgulho! Afinal um filósofo da linhagem de Foucault lia um escritor nosso. O leitor pode dizer: - —ora, mas Borges é argentino!! E de fato é, mas quando digo nosso, digo latino-americano, sul-americano, abaixo da linha do Equador, gente nossa.⁵³

O texto de Borges ao qual Foucault credita o nascimento de *As palavras e as coisas* é o conto “El idioma analítico de John Wilkins”, que integra a obra *Otras inquisiciones*. No conto em questão, Borges se queixa por não haver encontrado na enciclopédia britânica um verbete fazendo referência ao filósofo naturalista John Wilkins. Mas o que despertou mesmo a atenção de Foucault segundo a autora foi a referência que Borges fez a uma certa enciclopédia chinesa, bem como a “exótica” maneira que o escritor argentino usou para classificar e ordenar os animais presentes em tal enciclopédia:

201

Esas ambigüidades, redundancias y deficiencias recuerdan las que El doctor Franz Kuhn atribuye a cierta enciclopedia china que se titula *Emporio celestial de conocimientos benévolos*. En sus remotas páginas está escrito que los animales se dividen em

- a.pertencientes al Emperador
- b.embalsamados
- c.amestrados
- d.lechones
- e.sirenas
- f.fabulosos
- g.perros sueltos
- h.incluidos en esta clasificación
- i.que se agitan como locos
- j.innumerables
- k.dibujados con un pincel finísimo de pelo de camello

⁵³ GUIDA. *As palavras e os animais*, p. 52.

l.etcétera
m.que acabam de romper el jarrón
n.que de lejos parecen moscas⁵⁴

Guida ressalta que a classificação acima reproduzida, que dividiu em quatorze distintas maneiras os animais, foi a razão do riso de Foucault. “Esse texto de Borges fez-me rir durante muito tempo”.⁵⁵ Uma classificação, pelo menos de uma forma aparente, desordenada e —exótica. Uma classificação impossível de ser pensada (restando só o riso?), dirá Foucault: —No deslumbramento dessa taxonomia, o que de súbito atingimos, o que, graças ao apólogo, nos é indicado como o encanto exótico de um outro pensamento, é o limite do nosso: a impossibilidade patente de pensar isso (1981, p. 5). Silviano responde a esse comentário chamando atenção para o fato de que os latino-americanos sempre conviveram com a desordem, portanto, nada pode ser estranho e/ou exótico. —A monstruosidade que Borges faz circular não causa espanto aos latino-americanos porque:

[...] sempre vivemos no lugar da desordem nos encontros, nos encontros arruinados, nos escombros catastróficos. Por isso, desde o princípio, tivemos de acatar a vizinhança de guerreiros inesperados, que saem dos mares atlânticos em casas flutuantes, como verdadeiros deuses do trovão; tivemos de sofrer como vizinho o peso cultural eurocêntrico, que vem sob o jugo de nova língua, novo código religioso, ambos desestruturantes dos hábitos e comportamentos; tivemos de aprender a conviver com essa presença imposta, extraindo dela o sumo da própria identidade vilipendiada. Essas foram, entre muitas outras, as tarefas latino-americanas na conquista duma região *mediana* durante o processo de ocidentalização, região *mediana* de que a enciclopédia chinesa é o *fora* tão familiar quanto o *dentro*.⁵⁶

Entre outras reflexões, Silviano acaba por observar que a leitura de Borges feita por Foucault não poderia ter sido mais canônica, ou seja, corroborado a visão

⁵⁴ —Essas ambiguidades, redundâncias e deficiências lembram as que o doutor Franz Kuhn atribui a certa enciclopédia chinesa que se intitula *Empório celestial de conhecimentos benévolos*. Em suas remotas páginas está escrito que os animais se dividem em: a) pertencentes ao Imperador; b) embalsamados; c) amestrados; d) leitões; e) sereias; f) fabulosos; g) cachorros soltos; h) inclusos nesta classificação; i) que se agitam como loucos; j) inumeráveis; k) desenhados com um pincel finíssimo de pelo de camelo; l) etcétera; m) que acabam de quebrar o vaso; n) que de longe parecem moscas.‖ (tradução da autora) GUIDA. *As palavras e os animais*, p. 52.

⁵⁵ FOUCAULT *apud* GUIDA. *As palavras e os animais*, p. 103.

⁵⁶ SANTIAGO *apud* GUIDA. *As palavras e os animais*, p. 106-107.

de um exotismo negativo, porque revela algum desconhecimento do outro, do cotidiano de um povo e de sua cultura. O exotismo não está no texto de Borges nem em sua singular maneira de classificar os animais na tal enciclopédia chinesa, mas sim no olhar que é direcionado ao texto. Um olhar que vem de fora, um olhar que vem do —estrangeiro e justamente por isso se encontra mais propenso a leituras comprometidas e limitadoras.

A autora reconhece a importância da leitura de Silviano Santiago para nós latino-americanos e endossa muito do que ele argumenta em seu ensaio, entretanto, não deixa de registrar certa reverência a Foucault justamente pela escrita deste prefácio, uma vez que foi por meio dele que conheceu o conto de Borges —El idioma analítico de John Wilkins.

Guida afirma que Foucault, partindo da observação da taxonomia que Borges elabora no ensaio —El idioma analítico de John Wilkins, já no famoso prefácio anuncia uma possibilidade de questionamento em torno de saberes que são inventariados, de saberes classificatórios que nada mais são que uma tentativa de busca da ordem; ordem essa que é desconstruída por Borges no texto que motivou Foucault a escrever *As palavras e as coisas*.

Para finalizar Guida traz para a reflexão alguns poetas, escritores e escritoras para dialogar com o prefácio de Foucault, por exemplo:

O poeta Murilo Mendes, em *Poliedro*, apresenta-nos seu —Setor Microzoo, no qual classifica literariamente quinze animais. —O tigre, mamífero (sic) da família real dos Felídeos, calcula seus atos com rigor extremo; não se passa a limpo, não se desdiz, nem se corrige. O tigre é autocronometrado. Mesmo quando opera durante a noite opera diurno (1972, p. 10). Guimarães Rosa com sua seção —Zool em *Ave, Palavra*, sua obra póstuma: —O macaco é um menino – com algum senão. Um orangotango de rugas na testa; que, sem desrespeito, tem vezes lembra Schopenhauerl (1978, p. 51). Manoel de Barros faz inventários das —inutilizasl das coisas (aliás, este ensaio também poderia se chamar —As palavras e as inutilizas das coisasl) com seus bichos de miudezas: — Camaleões são pertencidos pelas cores; eles se aperfeiçoam das paisagensl (2010, p. 290).⁵⁷

Até mesmo Borges, em que temos uma pluralidade da animalidade fantástica na dupla conotação da palavra. Elfos, dragão, cão Cérbero, fênix,

⁵⁷ GUIDA. As palavras e os animais, p. 109.

pássaro que traz chuva, animais sonhados por Kafka, animais sonhados por Poe, enfim, uma instigante animalidade literária:

O centauro é a criatura mais harmoniosa da zoologia fantástica. Biforme, chamam-nos as Metamorfoses de Ovídio, mas não custa esquecer sua índole heterogênea e pensar que no mundo platônico das formas há um arquétipo do centauro, como do cavalo ou do homem.⁵⁸

E não se esquece de Clarice Lispector com suas galinhas, seu cão Ulisses; Ulisses com o seu cão Argos, que foi um dos poucos a reconhecer o herói quando este retorna a Ítaca após vinte anos fora de seu país; a pintora espanhola Remedios Varo com seus gatos e até mesmo o artista plástico britânico, Damien Hirst, como seu mórbido zoológico, tão bem recebido por famosas galerias de arte.

Mas para concluir Guida retoma o prefácio de *As palavras e as coisas*, mais para dividir com o leitor uma curiosidade. Foucault disse ter rido muito com o conto de Borges —El idioma analítico de John Wislizenus, pela maneira —desordenada/arruinada com a qual o escritor argentino divide os animais na tal enciclopédia chinesa. A autora lança uma pergunta crucial, será que Foucault também teria rido se tivesse lido Manoel de Barros? Ou como o filósofo francês reagiria diante de poemas que —desinventam objetos, por que acreditam nos —deslimites das palavras? Diante de versos que —desarrumam o melhor que podem as frases. Segundo Guida:

Poderia derramar por essas páginas gotas e gotas da poética de Manoel de Barros, que penso, quiçá, despertassem mais um riso no filósofo, entretanto, por ora, paro minhas palavras por aqui. Palavras de coisas; coisas de palavras; palavras de contradição, palavras de gratidão, palavras de homenagem, palavras de inquietação, mas, sobretudo palavras, porque —aonde não estou as palavras me acham.⁵⁹

Em “*Aos amigos, a política, aos inimigos, a polizei: a sociedade disciplinar e a escrita*” Conrado Neves Sathler discute sobre a posição do sujeito na Sociedade Disciplinar e, sobretudo, como este é obediente, domesticado e mercantilizado pelos artifícios que o Estado utiliza, como a escrita, as mídias digitais e o discurso, por exemplo. Para o autor, de certa forma, os corpos são instruídos a transformar-se em mercadorias, isto é, há uma busca incessante por

⁵⁸ BORGES *apud* GUIDA. *As palavras e os animais*, p. 109.

⁵⁹ BARROS *apud* GUIDA. *As palavras e os animais*, p. 110.

retorno econômico, e, como consequência, as pessoas são vistas como tabelas de distribuição, estatísticas e números, sejam de consumo ou de produção.

Além disso, Sathler associa o contexto da Sociedade Disciplinar à Sociedade de Controle (DELEUZE, 1992) e à história da escrita. Esta conexão é muito justificável, visto que todas as relações feitas pelo autor desembocam no objetivo de controlar a sociedade, e, acima de tudo, realizar uma prática de massificação, retirando de cena os pensantes em detrimento dos disciplinados. Dentro desse novo construto social, ser letrado, conseqüentemente, é ser disciplinado.

É a partir do conceito de disciplina que o autor introduz o pensamento de Foucault (1971) na discussão, pois, para o filósofo, a disciplina faz parte do controle interno da ordem do discurso e do saber, sendo assim, o sujeito deve abdicar discursos extrínsecos à sua disciplina, sob a pena de exclusão do que se tem como verdade.

Dentro desse cenário de uma Sociedade Disciplinar, a manipulação e a massificação são tão intensas que os sujeitos atingidos por essas formas de controle começam a acreditar que viver de uma forma “domesticada” e normatizada seja essencial e que não existe outra organização social possível. Logo, estamos diante de uma imposição de poder por parte do Estado que disciplina e torna a população cega frente a todo um construto de domesticação ali inserido.

Diante do exposto, a formação de pessoas criativas e críticas é extremamente comprometida, visto que nessa nova organização social o que se espera são resultados, e, para alcançá-los, faz-se uso da repetição como metodologia, essa, por sua vez, restringe e reduz a criatividade. Para o Estado, a população disciplinada é tida apenas como números e não como pessoas: “A disciplina enquanto vigia, constrói um saber sobre seu sujeito (FOUCAULT, 1999) e este saber o esquadrinha, o joga em tabelas de distribuição da população em quadros estatísticos e o dispõe em distribuição de frequências segundo capacidade de respostas e produtividade.”⁶⁰

⁶⁰ SATHLER. Aos amigos, a política, aos inimigos, a polizei: a sociedade disciplinar e a escrita, p. 117.

Para Sathler, *o jogo de linguagem política e a exclusão dos sujeitos*⁶¹ começam na escola, pois a partir do discurso, e, conseqüentemente, da escrita, iniciam-se as relações de poder, as quais os que têm maior domínio linguístico ascendem, enquanto os que não correspondem a essas expectativas disciplinares são postos à margem, isto é, excluídos:

A instituição que introduz o sujeito da linguagem política é a escola e a exclusão de qualquer sujeito deste aparelho o condena ao ostracismo irreversível. Por outro lado, o sucesso na conquista da língua oficial e da norma culta abrem as portas de acesso aos equipamentos de administração do Estado.⁶²

Esta forma de organização social está sempre relacionada ao intermédio, antes do corpo materno, e, depois de adulto, da escrita. Assim como o sujeito passa pelo corpo da mãe, a escrita passa pelo corpo do sujeito. Deste modo, a funcionalidade da Sociedade Disciplinar constrói-se a partir dessa relação de mediação entre o sujeito e o outro: “A escrita passa pelo corpo e é produto das relações do corpo com a sociedade disciplinar.”⁶³

Ao avançar a discussão acerca da Sociedade Disciplinar, o autor abarca um novo conceito: a Escrita Disciplinar. Para ele: “[...] é uma escrita regida pela produção e reprodução da lógica disciplinar, pela verdade que está no discurso moderno.”⁶⁴ Ou seja, consiste na reprodução disciplinada, na cópia, assim como o aluno bem avaliado, que realiza todos os seus deveres e permanece em silêncio na sala de aula, por exemplo.

Para finalizar, Sathler vai além e associa o fenômeno disciplinar à sexualidade, e, mais profundamente, à Psicanálise. Para o autor, a teoria freudiana é uma escrita disciplinar, na qual domestica e controla o indivíduo, e, ao falar da

⁶¹ SATHEL R. A os amigos, a política, a os inimigos, a polizei: a sociedade disciplinar e a escrita, p. 117.

⁶² SATHEL R. A os amigos, a política, a os inimigos, a polizei: a sociedade disciplinar e a escrita, p. 117.

⁶³ SATHEL R. A os amigos, a política, a os inimigos, a polizei: a sociedade disciplinar e a escrita, p. 119.

⁶⁴ SATHEL R. A os amigos, a política, a os inimigos, a polizei: a sociedade disciplinar e a escrita, p. 120.

sexualidade, Sathler reafirma que, novamente, o Estado também a controla, assim como outras formas de ciências que nada mais são que ciências disciplinadoras:

Dentro deste enfoque as ciências disciplinares: Psicologia, Medicina, Sociologia, Pedagogia e Administração, por exemplo, são aparelhos dos poderes que criam escritas como gráficos, tabelas, curvas e textos de individualização e prescrição de normas corporais cuja finalidade é por em circulação, via disciplinarização, não somente os discursos, mas os sujeitos que terão lugar na sociedade.⁶⁵

No ensaio intitulado “Do cuidado de si à escrita de si: Foucault e o sujeito em construção”, Flávio Roberto Gomes Benites propõe um debate dividido em várias partes acerca da noção do sujeito na obra de Foucault. Benites levanta questões pertinentes à temática a fim de resolvê-las desmistificando o sujeito no viés do pensamento foucaultiano.

O escritor inicia o ensaio explorando a noção do sujeito na Análise do Discurso de Michel Pêcheux até chegar ao ponto principal da discussão: o sujeito nos estudos de Foucault. Na obra do filósofo francês, a exploração do sujeito é tratada de forma mais *distinta e ampla*⁶⁶ que em Pêcheux: “[...] meu objetivo tem sido elaborar uma história dos diferentes modos pelos quais os seres humanos são constituídos em sujeitos (DREYFUS; RABINOW, 1995, p.231)”⁶⁷

De acordo com Benites, ao estudar o sujeito, Michel Foucault transforma os *diferentes modos* em três *formas de objetivação*: aquela em que a ciência é o objeto de estudo, a que em se foca no aspecto social se detendo em como o sujeito estabelece suas relações e divisões dentro de uma sociedade, e a última, e mais importante para o autor, que é a forma de objetivação em que o sujeito “[...] caracteriza-se pelo como o homem dá a si mesmo o status de sujeito, ou seja, o conhecimento de si e as práticas de si levam o homem a constituir-se e a reconhecer- como sujeito.”⁶⁸

⁶⁵ SATHLR. Aos amigos, a política, aos inimigos, a polizei: a sociedade disciplinar e a escrita, p. 122.

⁶⁶ BENITES. Do cuidado de si à escrita de si: Foucault e o sujeito em construção, p. 125.

⁶⁷ DREYFUS; RABINOW *apud* BENITES. Do cuidado de si à escrita de si: Foucault e o sujeito em construção, p. 125.

⁶⁸ BENITES. Do cuidado de si à escrita de si: Foucault e o sujeito em construção, p. 126.

Após delimitar o tema escolhido, é feito um recorte histórico a partir de 1980, pois, para ele, é a fase em que o filósofo volta seus estudos para os *processos de subjetivação e como esses se dão em relação à verdade*⁶⁹, isto é, o que foi chamado de *hermenêutica do sujeito*⁷⁰ por Michel Foucault.

Posteriormente, o escritor inicia a segunda divisão de seu ensaio, na qual atribui o título de “O conhecimento de si e o cuidado de si”, neste tomo, o autor iniciará seu discurso a partir de um questionamento: “[...] que razões levaram a modernidade a conceber um sujeito no qual o conhecimento de si teve preponderância sobre o cuidado de si?”⁷¹ Dessa forma, Benites elenca duas possibilidades para tal problemática: a *moral cristã e a filosofia moderna*⁷². Enquanto a primeira se relaciona ao fato de que se conhecer a si mesmo é um método de se renunciar, a segunda está diretamente ligada à filosofia moderna que percorre o período de Descartes a Husserl na qual seu ponto de referência é a teoria do conhecimento.

Sendo assim, de acordo com Flávio Benites, Foucault alicerçou seus estudos acerca do conhecimento na história ocidental, pois esta comprova o que foi questionado anteriormente: a busca pelo conhecimento de si e não o cuidado de si em detrimento de uma *razão moderna*⁷³. A seguir, o autor buscará refúgio na Grécia antiga, berço do saber ocidental, pois, para ele, foi naquele lócus que o conhecimento de si recebeu destaque:

Esse fato fez com que o princípio ético do cuidado de si fosse ofuscado e até substituído pelo *conhece-te a ti mesmo* (escrito no templo de Delfos), a partir do qual Sócrates fundamenta a sua *maieutica*, isto é, uma maneira de filosofar que consiste em externalizar o conhecimento que reside no próprio indivíduo.⁷⁴

Contudo, no decorrer do ensaio, Benites contestará, a partir de uma citação de Foucault, o que foi proposto:

⁶⁹ BENITES. Do cuidado de si à escrita de si: Foucault e o sujeito em construção, p. 126.

⁷⁰ BENITES. Do cuidado de si à escrita de si: Foucault e o sujeito em construção, p. 126.

⁷¹ BENITES. Do cuidado de si à escrita de si: Foucault e o sujeito em construção, p. 126.

⁷² BENITES. Do cuidado de si à escrita de si: Foucault e o sujeito em construção, p. 126.

⁷³ BENITES. Do cuidado de si à escrita de si: Foucault e o sujeito em construção, p. 127.

⁷⁴ BENITES. Do cuidado de si à escrita de si: Foucault e o sujeito em construção, p. 127.

[...] é preciso lembrar que a regra de ter de conhecer a si mesmo foi regularmente associada ao tema do cuidado de si. Na cultura antiga como um todo, é fácil encontrar testemunho da importância dada ao cuidado ‘cuidado de si’ e de sua conexão com o tema do conhecimento de si. (1997, p. 119)⁷⁵

Em suma, a teoria foucaultiana é mais “maleável”, visto que, mesmo nos ideais gregos, o filósofo francês conseguia extrair as duas essências do sujeito: o conhecimento e o cuidado de si. Para ele, mesmo que a cerne estivesse assentada nos saberes tangíveis ao sujeito, conseguia-se, de certa forma, extrair a importância do cuidado de si.

Ao dar seguimento à discussão, o autor adentra no conceito de ética e moral no período helenístico, se detendo em duas correntes filosóficas: o Estoicismo e o Epicurismo. Ainda dentro dessa temática do cuidado, Benites faz novamente uma volta no tempo e elenca alguns escritos acerca da temática, como os de Cícero e os referentes ao pensamento cristão nos de Gregório de Nysse.

Para Benites, essa retomada histórica é importante uma vez que permite o acompanhamento dos processos de subjetivação do sujeito no decorrer do tempo, mas, é, sobretudo, *um conjunto de práticas as quais a subjetivação advém*.⁷⁶:

[...] poderia se chamar de ‘técnicas de si’, isto é, os procedimentos, que, sem dúvida, existem em toda a civilização, pressupostos ou prescritos aos indivíduos para fixar sua identidade, mantê-la ou transformá-la em função de determinados fins, e isso graças a relações de domínio de si sobre si ou de conhecimento de si por si. (1997, p.109)⁷⁷

Ainda tratando-se da celeuma do cuidado de si, o escritor afirma que a presença de um mediador é essencial, ou seja, uma espécie de mestre, como por exemplo: “[...] Sócrates em relação a Alcibiades.”⁷⁸ Para Foucault, essa relação mestre-aprendiz é servil pelo fato de proporcionar uma *multiplicidade de relações sociais*⁷⁹ as quais servirão de suporte para o cuidado consigo mesmo.

⁷⁵ FOUCAULT *apud* BENITES. Do cuidado de si à escrita de si: Foucault e o sujeito em construção, p. 127.

⁷⁶ BENITES. Do cuidado de si à escrita de si: Foucault e o sujeito em construção, p. 128.

⁷⁷ FOUCAULT *apud* BENITES. Do cuidado de si à escrita de si: Foucault e o sujeito em construção, p. 126.

⁷⁸ BENITES. Do cuidado de si à escrita de si: Foucault e o sujeito em construção, p. 130.

⁷⁹ BENITES. Do cuidado de si à escrita de si: Foucault e o sujeito em construção, p. 130.

Dessarte, Benites adentra a próxima divisão do ensaio: “As práticas de subjetivação na antiguidade”, neste trecho, a análise feita está relacionada às formas de conhecimento na antiguidade: a episteme e a doxa. De acordo com Benites, enquanto aquela consistia em um método de conhecimento; esta seria, basicamente, apenas opiniões, sem nenhum embasamento, logo, era desconsiderada pelos filósofos da época.

Ao prosseguir, Flávio Benites aponta as três técnicas utilizadas como práticas de subjetivação da verdade por Foucault: “[...] a escuta, a memorização e a escrita.”⁸⁰ Para o filósofo francês, seguindo essas três medidas, o sujeito conseguiria atingir a episteme, isto é, o conhecimento verdadeiro.

Na sequência, temos “As práticas de subjetivação do cristianismo”, neste ponto, Benites trata de como os processos de subjetivação foram utilizados pelo Cristianismo: “Essas técnicas e exercícios foram facilmente absorvidos pelo Cristianismo, visto que estavam em perfeita sintonia com seus propósitos.”⁸¹ Isto é, a igreja utilizou desses processos para realizar suas manobras. *Grosso modo*, ela possuía um mestre e uma verdade; logo, estamos diante da técnica foucaultiana de examinar-se, como já explicada por Benites.

“O lugar da escrita na constituição do sujeito” é artigo que se aproxima do final do ensaio, para Foucault, a escrita é um dos mais importantes modos de subjetivação, pois, é um conjunto de várias práticas e, sobretudo, *está intimamente ligada à ética*⁸². Portanto, a partir da sua escrita, o sujeito fundamentará suas reações.

Benites elencará duas formas de constituição do ser por via da escrita: *os hupomnêmata e a correspondência*⁸³. Esta seria as relações que um determinado indivíduo possui com outro, uma vez que pode estar relacionada a conversas rotineiras ou até aconselhamentos. Enquanto aquela “[...] caracteriza-se por

⁸⁰ BENITES. Do cuidado de si à escrita de si: Foucault e o sujeito em construção, p. 131.

⁸¹ BENITES. Do cuidado de si à escrita de si: Foucault e o sujeito em construção, p. 133.

⁸² BENITES. Do cuidado de si à escrita de si: Foucault e o sujeito em construção, p. 135.

⁸³ BENITES. Do cuidado de si à escrita de si: Foucault e o sujeito em construção, p. 135.

anotações individuais decorrentes da escuta e das leituras às quais o indivíduo recorria com frequência como modo de subjetivação do discurso.”⁸⁴

Portanto, o autor encerra o ensaio revisitando alguns conceitos vistos no decorrer do texto, contudo, se detém a salientar a importância do estudo da cultura em Foucault a partir de um recorte histórico, pois, desta forma, compreende-se melhor quais foram as bases utilizadas para a criação de tais conceitos ou teorias.

Em “Foucault e o ‘cachimbo’ da arte!”, diferentemente de outros temas já discorridos no decorrer do livro, o professor Marcos Antônio Bessa-Oliveira aborda a questão do pensamento foucaultiano no viés artístico, seja na pintura, na dança, na escultura ou no teatro, e, sobretudo, com foco no livro *Isto não é um cachimbo* (2014) de Foucault e na obra, de mesmo título, do artista René Magritte.

O autor inicia seu ensaio à luz do livro e da obra supracitados a fim de discutir acerca da “[...] abrangência da leitura de processos e sensibilidades individuais de Michel Foucault para as produções artísticas da contemporaneidade.”⁸⁵ Desse modo, Bessa-Oliveira ressalta a importância do legado deixado pelo filósofo e historiador francês sobre a questão das “*Escritas de si*” (2009)⁸⁶ para a arte.

De acordo com Marcos e na égide do pensamento foucaultiano, pode-se pensar os processos artísticos como *próprios e alheios*⁸⁷, isto é, há o momento em que se leva em conta o autor; porém, o foco será o receptor/leitor, pois será este quem estabelecerá as relações de interpretação a respeito dos processos artísticos aos quais obtiver contato com base em *si (eu) próprio*⁸⁸.

Portanto, no que concerne ao processo artístico o “[...] indivíduo torna-se parte importante do processo da obra (prático ou sensível) tendo em visto que esse deseja a si próprio, ou melhor, vê-se na obra de arte ou vê as suas experiências e

⁸⁴ BENITES. Do cuidado de si à escrita de si: Foucault e o sujeito em construção, p. 135.

⁸⁵ BESSA-OLIVEIRA. Foucault e o ‘cachimbo’ da arte, p. 141.

⁸⁶ BESSA-OLIVEIRA. Foucault e o ‘cachimbo’ da arte, p. 141.

⁸⁷ BESSA-OLIVEIRA. Foucault e o ‘cachimbo’ da arte, p. 142.

⁸⁸ BESSA-OLIVEIRA. Foucault e o ‘cachimbo’ da arte, p. 142.

referências próprias na obra artística.”⁸⁹ *Grosso modo*, de acordo com Bessa-Oliveira, compreendemos determinada obra, como “*Ceci n’est pás une pipe*” (Isto não é um cachimbo) de René Magritte, por haver elementos intrínsecos ao nosso *bios* que proporcionam esse entendimento, se não houvesse esse processo, a obra seria para nós apenas um borrão não identificável:

Essa percepção só é possível do ponto de vista crítico, ou como possibilidade de composição do *corpus* da obra de arte, a partir da formulação feita por Foucault sobre a obra de Magritte que, ao tentar tornar discutível a existência do objeto atrás da obra artística, faz-nos pensar, a discussão do filósofo, na própria existência de nós mesmos na obra artística. Ou talvez, é passível também de pensarmos na existência de *corpus* biográfico de cada sujeito de si como objeto da obra de arte.⁹⁰

Posteriormente, Marcos aborda uma problemática relacionada a essa *existência de nós mesmos na obra artística*⁹¹. Para a autora Elisabeth Roudinesco, *o fato de autovalorizar o indivíduo em detrimento da produção artística causa um “culto ao narcisismo” que pode tornar a obra em uma espécie de autoanálise do sujeito na obra*⁹². Assim, segundo Roudinesco, se supervalorizarmos o sujeito em uma obra, estaremos deslocando a atenção da arte para um narcisismo exacerbado, o que para Bessa-Oliveira, não faz muito sentido. De acordo com o professor de artes visuais na esteira de Michel Foucault:

[...] a produção artística contemporânea não mais se preocupa exclusivamente com o contexto sociocultural e pondo em detrimento o contexto biográfico do sujeito na obra como também do sujeito que observa essa obra como o era na produção moderna. E daí é que Michel Foucault ofereceu-nos um avanço crítico com sua leitura da pintura moderna para a produção artística contemporânea. Portanto, pensando nos processos criativos práticos ou sensíveis: o sujeito da/na obra é fundamental na “leitura” e ampliação da obra de arte contemporânea.⁹³

Ainda se valendo dos escritos foucaultianos, Marcos Bessa-Oliveira defende a ideia do que ele chama de “uma espécie de ‘arquivo’”⁹⁴ que consiste em *uma*

⁸⁹ BESSA-OLIVEIRA. Foucault e o ‘cachimbo’ da arte, p. 142.

⁹⁰ BESSA-OLIVEIRA. Foucault e o ‘cachimbo’ da arte, p. 143.

⁹¹ BESSA-OLIVEIRA. Foucault e o ‘cachimbo’ da arte, p. 143.

⁹² BESSA-OLIVEIRA. Foucault e o ‘cachimbo’ da arte, p. 143.

⁹³ BESSA-OLIVEIRA. Foucault e o ‘cachimbo’ da arte, p. 144.

⁹⁴ BESSA-OLIVEIRA. Foucault e o ‘cachimbo’ da arte, p. 145.

*inscrição do sujeito na produção artística como um “registro de si”*⁹⁵, contudo, diferentemente do que se acredita como o conceito de arquivo, para o autor, neste caso, seria “[...] a intenção da produção contemporânea nos seus processos é revigorar a existência de ‘vida’ dos sujeitos/indivíduos, ao exumar ‘o’ sujeito ou uma espécie de arquivo com obra.”⁹⁶ De acordo com Eneida Maria de Souza:

Michel Foucault já nos alertava para o fato de não se considerar a obra publicada do autor como autônoma, devendo o pesquisador buscar nos arquivos os demais componentes da criação, como os manuscritos, a correspondência, as notas de compras e assim por diante. A prática atual da crítica genética conseguiu se apropriar dessa lição foucaultiana, revalorizando os bastidores da criação e o rico manancial legado pelos escritores, além da reinserção do autor neste cenário. (SOUZA, 2013, p. 34)⁹⁷

Adiante, o autor deslocará um pouco o eixo central da discussão, dado que, agora, Marcos traça uma crítica à ideia moderna de arte em detrimento de uma escolha epistêmica pós-ocidental: “A ideia de que há uma arte soberana ou maior e de que há uma história global por trás de uma narrativa local é moderno demais e faz muito é execrada pela crítica cultural.”⁹⁸

Para o professor, as concepções de Foucault nos permitiram analisar certos contextos artísticos, muitas vezes fronteiriços, de um novo prisma. Isto é, a noção moderna binarista é deixada de lado, ao passo que se abrem novos espaços artísticos para *possibilidades outras*⁹⁹, como por exemplo, a arte de Mato Grosso do Sul, sendo mais específico: as iconografias indígenas. Sendo assim, essa nova forma de se pensar contribuiu de modo significativo para que (re)pensemos a produção desses locais antes marginais.

À guisa de conclusão, Bessa-Oliveira se vale da crítica biográfica para ressaltar a importância da *“ressurreição” do sujeito físico que pratica um texto/obra artística*¹⁰⁰. E, além disso, o professor de artes visuais cita um termo

⁹⁵ BESSA-OLIVEIRA. Foucault e o ‘cachimbo’ da arte, p. 145.

⁹⁶ BESSA-OLIVEIRA. Foucault e o ‘cachimbo’ da arte, p. 146.

⁹⁷ SOUZA *apud* BESSA-OLIVEIRA. Foucault e o ‘cachimbo’ da arte, p. 146.

⁹⁸ BESSA-OLIVEIRA. Foucault e o ‘cachimbo’ da arte, p. 147.

⁹⁹ BESSA-OLIVEIRA. Foucault e o ‘cachimbo’ da arte, p. 147.

¹⁰⁰ BESSA-OLIVEIRA. Foucault e o ‘cachimbo’ da arte, p. 151.

que o mesmo cunhou em seus estudos: o texto “‘biopictográfico’ (bio + grafia + visual)”¹⁰¹. Assim, Marcos finaliza seu ensaio aproximando os estudos *interartes* e a crítica biográfica, pois, para ele, tais teorias podem focar na análise da obra do artista e também em sua vida, respectivamente.

No ensaio “Michel Foucault e as metamorfoses do corpo político” dividido em três partes, Elaine de Moraes Santos discute como a mídia, a política e a sociedade disciplinar formam corpos dóceis, domesticados. Para tal, a cerne de sua discussão concentra-se no filósofo francês Michel Foucault e em suas subversões aos padrões clássicos.

Santos inicia seu ensaio fazendo uma leitura de sua epígrafe foucaultiana na qual trata do corpo e, como este é alvo de forças invisíveis¹⁰² para que se torne mais belo, como máscaras, maquiagem ou tatuagens. Adiante, a autora salienta o fato de Michel Foucault ser subversivo em muitos dos temas em que trabalhou, como ideias de loucura, sexualidade, prisão, verdade, ou, sobretudo, a existência do corpo – temática central do texto resenhado.

Diante de todo aparato temático que Foucault nos proporcionou durante sua vida intelectual, Elaine Santos relata encontrar-se *enredada*¹⁰³ por ter que escolher apenas um recorte para trabalhar, contudo, salienta:

Perante essa necessidade de eleger uma entrada nesse vasto horizonte e ainda que a fim de manter-me fiel à temática com a qual tenho trabalho – a relação entre corpo, mídia e política na contemporaneidade – reconheço que não me seria possível enveredar aqui pela produção de um tratado histórico com as contribuições conceituais de Foucault sobre a questão do corpo, mesmo que as relacionando apenas no que diz respeito ao uso do corpo na política.

Portando, diante de sua escolha, Santos deixa claro que sua perspectiva discursiva será a *Análise do Discurso de orientação francesa*¹⁰⁴ e:

[...] a forma como a noção de “corpos dóceis”, de um lado, bem como a emergência da ‘sociedade disciplinar’, de outro, são objetos extremamente pertinentes na produção

¹⁰¹ BESSA-OLIVEIRA. Foucault e o ‘cachimbo’ da arte, p. 151.

¹⁰² FOUCAULT *apud* SANTOS. Michel Foucault e as metamorfoses do corpo político, p. 155.

¹⁰³ SANTOS. Michel Foucault e as metamorfoses do corpo político, p. 156.

¹⁰⁴ SANTOS. Michel Foucault e as metamorfoses do corpo político, p. 156.

teórica de Foucault e continuam contemporâneos tanto para compreender as “metamorfoses” sofridas pelo uso do corpo e do gesto político em diferentes momentos da história quanto explicar o surgimento de um novo corpo no discurso político-midiático de nosso século.

Delimitado seu recorte epistemológico, Santos inicia a primeira parte do ensaio intitulada “*Corpos docéis*”¹⁰⁵. Para Elaine, os fundamentos foucaultianos ainda são contemporâneos, pois as *práticas penais e as formas de docilização corporal dos sujeitos delinquentes da sociedade francesa dos séculos XVIII e XIX*¹⁰⁶ assemelham-se muito aos vieses sociais da atualidade, como a mídia, as empresas e as escolas, uma vez que estas também aplicam ações como *vigilância, condenação e disciplinarização*.¹⁰⁷

Em vista disso, a autora traça um percurso histórico acerca do modelo prisional francês antes aplicado até chegar ao que se conhece hoje. Para ela, na égide de Foucault “[...] a punição foi deixando de ser uma cena e foi dando espaço ao surgimento de processos distintos de condenação.”¹⁰⁸

Assim, Foucault cunhou o termo “*panóptico*”¹⁰⁹ para designar o sistema penal da vigia dos presos. E, a partir dessa noção, o conhecimento do *objeto-corpo do sujeito que se desejava docilizar aumentava*¹¹⁰. Com isso, de acordo com Santos “[...] tem início, inclusive, a maquinaria disciplinar cujos objetivos eram a fabricação de indivíduos submissos ao sistema e a extração de tempo e trabalho de seus corpos.”¹¹¹ *Grosso modo*, a sociedade disciplinar.

A autora finaliza a parte inicial do ensaio nos mostrando como a sociedade que Foucault descreve ainda se encaixa nos atuais padrões. Isto é, a interação mídia-política que vivenciamos na atualidade é a mesma que a sociedade disciplinar utilizava. Ainda em detrimento dessa condição, Santos afirma que os

¹⁰⁵ SANTOS. Michel Foucault e as metamorfoses do corpo político, p. 157.

¹⁰⁶ SANTOS. Michel Foucault e as metamorfoses do corpo político, p. 157.

¹⁰⁷ SANTOS. Michel Foucault e as metamorfoses do corpo político, p. 157.

¹⁰⁸ SANTOS. Michel Foucault e as metamorfoses do corpo político, p. 158.

¹⁰⁹ SANTOS. Michel Foucault e as metamorfoses do corpo político, p. 159.

¹¹⁰ SANTOS. Michel Foucault e as metamorfoses do corpo político, p. 159.

¹¹¹ SANTOS. Michel Foucault e as metamorfoses do corpo político, p. 159.

corpos são *duplamente submetidos*¹¹², primeiro pela mídia vigilante, e, segundo, pela docilização de suas aparências a fim de mostrar materialidades diversas nas comunicações de massa.

O segundo tomo do texto escrito por Elaine Santos recebe o nome de “A pedagogia do gesto na Monarquia”, aqui, ela será mais específica e debaterá acerca da posição de um rei na perspectiva de uma sociedade da disciplina. Como pano de fundo de sua discussão, é utilizado o filme “O homem da máscara de ferro” para se retirar exemplos que respaldem a argumentação da escritora.

Elaine à luz de Michel Foucault define que “[...] o corpo do rei não é descrito como docilizado, mas como a materialização de uma justiça soberana que era preciso respeitar.”¹¹³ O filósofo francês afirma que o corpo de tal figura monárquica faz-se necessário para que esse tipo de governo funcione, ou seja, há um sistema político no qual cada corpo possui sua funcionalidade.

O papel do rei, ainda dentro dessa perspectiva, seria de manter uma postura vigilante e muito transparente, a figura mais alta da hierarquia monárquica precisava ser admirada e temida ao mesmo tempo, pois, dessa forma, a manutenção de poder ser estabelecida.

Para Santos, a postura monárquica que recebe o nome de “*pedagogia do gesto*”¹¹⁴ antes utilizada assemelha-se muito aos atuais partidos políticos, mais especificamente, às suas campanhas ou na busca de aceitação pública. E, como intermediadora, a mídia, de modo consciente, participa desse processo a partir dos seus próprios interesses partidários.

E, por fim, a última divisão do ensaio denominada “O espetáculo do corpo no discurso político midiático” debate em como o *corpo metamorfoseado*¹¹⁵ pela mídia assemelha-se a um produto fruto de influências políticas emergidas de diversos grupos sociais.

¹¹² SANTOS. Michel Foucault e as metamorfoses do corpo político, p. 159.

¹¹³ SANTOS. Michel Foucault e as metamorfoses do corpo político, p. 160.

¹¹⁴ SANTOS. Michel Foucault e as metamorfoses do corpo político, p. 164.

¹¹⁵ SANTOS. Michel Foucault e as metamorfoses do corpo político, p. 164.

Para Santos, o discurso político é de *natureza interdisciplinar*¹¹⁶, por ser fruto de um construto de ideologias e interesses diversos, devido a isso, não só a comunicação interessa-se em estudá-lo, mas sim, várias áreas do conhecimento, à luz de Charaudeau: “[...] a ação política e o discurso político são indissociavelmente ligados.” (CHARAUDEAU, 2006b, p.39)¹¹⁷

No bojo da discussão foucaultiana, a autora ressalta que “[...] o corpo, quando em convívio com o campo político, é acometido, administrado e suplicitado pelo intermédio das relações de poder que nele se incidem.”¹¹⁸ De acordo com Elaine, a celeuma que permeia a relação corpo-política-relação de poder vem ganhando cada vez mais espaço dentro das ciências humanas e sociais.

E, por fim, o tema que encerra o ensaio focaliza-se no conceito de espetáculo, pois, para Santos, desde a etimologia da palavra fica evidente que a atual forma de se fazer política é um espetáculo ampliado. Isto é, o mundo moderno aprendeu com o passado e intensificou essa noção para o fazer político, a diferença basicamente reside no fato de que a política utiliza o corpo do sujeito, enquanto o espetáculo, na maioria das vezes, não.

O ensaio seguinte intitulado “Os condenados da fronteira” de autoria do professor e crítico sul-mato-grossense Edgar César Nolasco discute sobre os sujeitos marginalizados pelo projeto moderno. O posicionamento adotado pelo autor é baseado no viés pós-colonial à luz dos postulados de Walter Mignolo e do livro *Os condenados da terra* (2015) de Franz Fanon. Nolasco deixa claro que se deterá à condição fronteiriça do estado de Mato Grosso do Sul com o Paraguai e a Bolívia, visto que esse é o seu *locus epistemológico*¹¹⁹, e que, como também é um sujeito fronteiriço, tem propriedade para falar a partir desse lugar.

Na esteira de Mignolo, o professor critica o projeto da modernidade pelo fato de “[...] deixar de fora, sem dó nem piedade, todos aqueles sujeitos que já tinham sido, por antecipação, condenados a não fazer parte da história ocidental

¹¹⁶ SANTOS. Michel Foucault e as metamorfoses do corpo político, p. 165.

¹¹⁷ SANTOS. Michel Foucault e as metamorfoses do corpo político, p. 165.

¹¹⁸ SANTOS. Michel Foucault e as metamorfoses do corpo político, p. 165.

¹¹⁹ NOLASCO. Os condenados da fronteira, p. 176.

narrada como verdade absoluta incontestável.”¹²⁰ Diante disso, o autor traz a noção de *aprender a desaprender*¹²¹, que vai contra a ideia de que os projetos globais releguem as histórias locais, excluindo, assim, os povos extrínsecos ao centro.

De modo posterior, Nolasco abarca a ideia de *Dentro (centro) para Fora (fronteira)*¹²², para ele, não basta a fronteira ser pensada a partir do centro, como a modernidade prevê. Quando isso acontece, os sujeitos alocados fora do centro são marginalizados e condenados à exclusão em detrimento dos projetos globais. Diante desse cenário, o professor aclama à necessidade de uma *opção descolonial*¹²³.

O ponto de semelhança entre a teoria pós-colonial trazida por Edgar Cézair Nolasco e os estudos foucaultianos encontra-se quando há a aproximação entre o “*universal/particular*”¹²⁴ de Mignolo e a “*noção de insurreição dos saberes subjugados*”¹²⁵ do filósofo francês: “Os saberes subjugados foucaultianos corroboram a discussão crítica sobre os saberes subalternos, apesar de o filósofo não estar pensando em uma visada pós-colonial.”¹²⁶

Para o crítico sul-mato-grossense, a melhor forma de se alcançar uma *quebra epistêmica-discursiva descolonial*¹²⁷ é a partir do conceito de diferença colonial do semiótico Walter Mignolo, pois, partir dessa diferença, os “[...] direitos epistêmicos, biográficos e históricos do sujeitos ‘pensantes’ condenados pelo sistema colonial moderno.”¹²⁸

¹²⁰ NOLASCO. Os condenados da fronteira, p. 175.

¹²¹ NOLASCO. Os condenados da fronteira, p. 175.

¹²² NOLASCO. Os condenados da fronteira, p. 176.

¹²³ NOLASCO. Os condenados da fronteira, p. 177.

¹²⁴ NOLASCO. Os condenados da fronteira, p. 177.

¹²⁵ NOLASCO. Os condenados da fronteira, p. 177.

¹²⁶ NOLASCO. Os condenados da fronteira, p. 178.

¹²⁷ NOLASCO. Os condenados da fronteira, p. 179.

¹²⁸ NOLASCO. Os condenados da fronteira, p. 179.

Neste caso, a saída mais eficaz seria descentrar o pensamento e começar a olhar a partir da *exterioridade*¹²⁹, isto é, não há como compreendermos uma epistemologia fronteiriça a partir do centro, quando o fazemos, estamos reforçando ainda mais o sistema colonial moderno. No contexto de Edgar, por ser um sujeito alocado na fronteira, seu discurso já é formado a partir da exterioridade: “Em meu caso, considerando que *habito* na fronteira sul, onde o Brasil fora Paraguai, por exemplo, logo *habito*, penso e escrevo de *exterioridade*”¹³⁰

E, por fim, Nolasco finaliza seu artigo fazendo uma crítica ao discurso de proteção aos condenados que todos os dias pagam com suas vidas a permanência de sua cultura onde vivem. Para o professor, esse discurso de proteção não passa de demagogia, pois, de fato, não há a criação de políticas que deem a possibilidade desses povos se representarem:

Ainda sobressaem a política e os discursos ancorados no desejo de “ajudar” os sujeitos condenados, ao invés de uma prática política, ou método discursivo-descolonial, articulados a partir de uma epistemologia fronteiriça do fora. *Grosso modo*, não basta falar mais pelo outro, ainda mais quando esse outro é um sujeito condenado por antecipação pelo sistema colonial moderno, sobretudo porque, apesar da sua condição de exclusão, jamais ignorou sua história local, suas especificidades culturais, sua língua, sua cultura e suas tradições ancestrais ameríndios.¹³¹

Para finalizar o livro organizado pelos professores Vânia Guerra e Edgar César Nolasco, temos o ensaio intitulado “Um olhar foucaultiano sobre a lei Maria da Penha: discurso e desconstrução” de William Diego de Almeida e Vânia Maria Lescano Guerra no qual faz uma leitura analítica da LMP¹³² a partir da Análise do Discurso de linha francesa. O ensaio é dividido em várias partes, assim, os autores o introduzem trazendo conceitos importantes como cidadania, por exemplo, até perpassarem a análise da lei para afirmarem sua crítica à estereotipação da mulher e do homem no viés legislativo.

¹²⁹ NOLASCO. Os condenados da fronteira, p. 182.

¹³⁰ NOLASCO. Os condenados da fronteira, p. 182.

¹³¹ NOLASCO. Os condenados da fronteira, p. 183.

¹³² Lei Maria da Penha.

A introdução do texto intitula-se “Palavras iniciais” e, basicamente, faz um levantamento sobre o conceito de cidadania e de papéis sociais, especificamente da mulher. Desse modo, William e Vânia deixam evidentes seus intuítos: “[...] temos por objetivo problematizar, por meio de um recorte discursivo, o modo como essa lei instaura representações sobre a mulher, mediante marcas linguístico-discursivas que caracterizam efeitos de sentidos de discriminação e estereotipação no texto da Lei Maria da Penha (LMP)”¹³³ e, claro, aproximam sua crítica aos postulados foucaultianos:

Esperamos estabelecer um diálogo entre os escritos de Michel Foucault e os trabalhos de Jacques Derrida visando ao entendimento do discurso da lei. Para avançar na problematização, apoiamo-nos em referenciais teóricos que concernem a autores-filósofos da Análise do Discurso (AD), de linha francesa, à perspectiva foucaultiana e à desconstrução.¹³⁴

Em seguida, os autores de forma objetiva fazem uma breve apresentação histórica do que é a Análise do Discurso de linha francesa, das suas referências e, conseqüentemente, do seu principal teórico:

A AD, estabelecida sobre a tríade teórico linguística, psicanálise e materialismo histórico, por meio dos trabalhos desenvolvidos por Pêcheux (1988), produz um outro lugar de conhecimento com sua especificidade, afastando-se da mera aplicação da linguística sobre as ciências sociais ou vice-versa.¹³⁵

Diante disso, Vânia e William aproximam sua teoria ao pensamento foucaultiano que, por sua vez, não se detém aquilo que já foi trabalhado, o filósofo vai além: “[...] Foucault não se limita a tratar de questões já trabalhadas. O autor constrói uma perspectiva para tratar dos problemas que acampam a sociedade a partir da recusa das evidências [...] Ele põe em marcha as políticas das transgressões [...]”¹³⁶

¹³³ GUERRA; ALMEIDA. Um olhar foucaultiano sobre a lei Maria da Penha: discurso e desconstrução, p. 186.

¹³⁴ GUERRA; ALMEIDA. Um olhar foucaultiano sobre a lei Maria da Penha: discurso e desconstrução, p. 186.

¹³⁵ GUERRA; ALMEIDA. Um olhar foucaultiano sobre a lei Maria da Penha: discurso e desconstrução, p. 188.

¹³⁶ GUERRA; ALMEIDA. Um olhar foucaultiano sobre a lei Maria da Penha: discurso e desconstrução, p. 189.

Contudo, os autores não ficam ligados apenas a Michel Foucault, também fazem uso do conceito de desconstrução de Jacques Derrida em relação ao discurso jurídico exclusivamente no que tange à LMP. Para eles: “[...] pelo fato de o discurso jurídico se desenvolver (e se manter) sob a égide do logocentrismo, da racionalidade ocidental.”¹³⁷

Após introduzirem a Análise do Discurso e especificarem seu recorte temático, em “A discursividade na Lei Maria da Penha e o acontecimento” Vânia e William focam na LMP e como essa ainda é deficitária na “Constituição Cristã”, principalmente em relação à violência. Para os escritores, o *déficit* em relação aos direitos femininos comprometeu a manutenção do poder Estatal e, por isso, “[...] houve a necessidade de incorporar questões sobre o feminino e o feminismo no campo de produção do conhecimento jurídico.”¹³⁸

Na sequência, os autores explicitam o porquê da nomenclatura “Lei Maria da Penha” e retomam a memória histórica e social da figura feminina na sociedade e, sobretudo, no viés jurídico. Olhando a partir do prisma fronteiriço, a mulher extrapola a normatização legislativa e proporciona mudanças nos parâmetros hegemônicos.

Assim sendo, para Vânia e William, a LMP só foi sancionada por ser de relevância daqueles que possuem direito, além disso, todo discurso advém de discursos outros e, sobretudo, todo discurso está atrelado à *materialidade linguística e construções sócio-histórico-ideológicas (ORLANDI)*¹³⁹

Ao se aproximarem do fim, os autores realizam um recorte na LMP para respaldarem sua discussão no conceito de estereotipização a partir das palavras agressor e ofendida, pois, a partir do olhar discursivo, essas palavras aferem gênero à lei: “A escolha do termo “ofendida” suaviza a agressão (não é agredida)

¹³⁷ GUERRA; ALMEIDA. Um olhar foucaultiano sobre a lei Maria da Penha: discurso e desconstrução, p. 190.

¹³⁸ GUERRA; ALMEIDA. Um olhar foucaultiano sobre a lei Maria da Penha: discurso e desconstrução, p. 191.

¹³⁹ GUERRA; ALMEIDA. Um olhar foucaultiano sobre a lei Maria da Penha: discurso e desconstrução, p. 194.

e atribui características à mulher”¹⁴⁰ e “Na LMP, o efeito de sentido de dominação sobre a palavra ‘agressor’ e o efeito de sentido da passividade, de obediência, de doçura que recai sobre a palavra ‘ofendida’, esteia uma simplificação falsa de uma realidade.”¹⁴¹

Por fim, conclui-se que a LMP nada mais é do que uma prescrição baseada em estereótipos os quais só reforçam ainda mais a figura masculina como superior e a feminina como inferior; logo, há uma relação derridaiana de arquivo além de construções sócio-histórico-ideológicas patriarcais.

Referências

GUERRA, Vania M. L.; NOLASCO, Edgar C. (Org.) *Michel Foucault: entre o passado e o presente, 30 anos de (des)locamentos*. Campinas: Pontes Editores, 2015.

FOUCAULT, Michel. “A escrita de si”. *Ditos e escritos, volume V. Ética, sexualidade e política*. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

¹⁴⁰ GUERRA; ALMEIDA. Um olhar foucaultiano sobre a lei Maria da Penha: discurso e desconstrução, p. 199.

¹⁴¹ GUERRA; ALMEIDA. Um olhar foucaultiano sobre a lei Maria da Penha: discurso e desconstrução, p. 200.